

FOTOGRAFAÇÃO

Aline Lopes Rochedo¹

A equipe do documentário *Fotografiação*, dirigido por Lauro Escorel², preparou o encontro com o público em grandes telas de algumas capitais brasileiras a partir de março de 2020. Porém, uma pandemia viral colocou muitos países em alerta na época da estreia, acarretando providências de distanciamento social na tentativa de desacelerar contágios. Foram medidas emergenciais que, dentre tantas ações, demandaram fechamento de cinemas por tempo indeterminado e resultaram em buscas por saídas para não deixar o público sem acesso à cultura e às artes. A *internet*, nesse cenário, facilitou a exibição de inúmeros trabalhos.

Acolhido pelo Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF) e pela Cinemateca Brasileira, o longa-metragem pode ser visto *online* em três sessões gratuitas no mês de maio. Mais de 500 internautas acompanharam, criticaram, aplaudiram e comentaram *Fotografiação* através de *chats* em tempo real e – alguns – presenciaram debates na sequência entre diretor e colaboradores, além de críticos e acadêmicos. A largada do filme, portanto, derrapou do *script*, a exemplo da maioria dos planos de muitos e muitas ao redor do planeta para 2020. Pois foi nesse contexto, do meu apartamento, em Porto Alegre, que entrei em contato com a obra.

Deparei-me com sua primeira exibição no Facebook, em 14 de maio, graças a uma mensagem enviada a mim por uma amiga. Fui capturada de início, mesmo sem clareza quanto à temática, e acompanhei os 76 minutos do filme. Percorri comentários de internautas ao final e, ébria das imagens e da riqueza poética e instigante das falas, avistei o anúncio de duas sessões marcadas para 20 de maio, na página da Cinemateca Brasileira, na mesma rede social. Meu impulso foi o de alertar conhecidos – fotógrafos e colegas jornalistas e antropólogos –, já me programando para (re)ver a produção em um

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Email: alinerochedo@gmail.com
ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-0622-1889>

² Agradeço a Lauro Escorel, que enviou a ficha técnica do filme e cedeu imagens para esta resenha.

dos horários oferecidos em sequência. Assisti às duas sessões e, estando e sentindo-me em casa, acomodei-me para o debate.

Mas, afinal, do que trata *Fotografiação*? O documentário de Escorel é um encontro de saberes e, simultaneamente, uma ode à produção de sensibilidades. Por um lado, expõe a trajetória da fotografia no Brasil, do desembarque do daguerreotipo no Rio de Janeiro, há 180 anos, até milhares de *selfies* feitos em 2019. Deseja mostrar como a transição de possibilidades analógicas à acessibilidade e democratização de tecnologias digitais alterou atos de fotografar, posar, admirar, armazenar, interagir, sentir e falar sobre aquilo que se registra em imagens. Não que essas ações tenham sido alguma vez estáticas no tempo, no espaço e nos variados meios sociais. O que a obra desvela é justamente esse processo dinâmico, em movimento e inacabado em termos de viabilidades e com consequências imprevisíveis. Interações entre diferentes atores orbitam uma única imagem produzida ou em produção, vista e revista e sempre sujeita a novas atribuições de sentido na captura e na contemplação, todavia inspiradora e reveladora de quem somos ou pensamos ser, de nossos tempos, de questões políticas, econômicas e culturais.



Foto de Marc Ferrez, o principal nome da fotografia brasileira do século XIX. Crédito: Divulgação.

Uma segunda camada explora a produção de noções de um Brasil construído por meio de fotografias. Observo que as principais escolhas de Escorel remetem a contextos

anteriores aos anos 1950, cenários desprovidos de televisores, panoramas em que o principal veículo de comunicação imediata e em grande alcance era o rádio. Daí a relevância de suportes imagéticos e do fotojornalismo, como a revista *O Cruzeiro*³, que permitiram a circulação de rostos, paisagens, indumentária, corpos, artefatos, símbolos, luzes, sombras e tudo o que agencia imaginários tão reais quanto fictícios de uma nação que começava a se reconhecer e se estranhar. Pelo argumento, foi *em relação com* fotografia, sensibilidade e habilidades de fotojornalistas que parte significativa da população urbana construiu para si retratos de um todo diverso, desigual e pulsante.



Indígenas xavante registrados pelo fotojornalista José Medeiros no Vale do Rio Batovi (MT), em 1949. Crédito: Divulgação.

Os elos temporais, temáticos e geográficos que conectam o roteiro comportam nomes que contaram o país em imagens, como Marc Ferrez (1843-1923), Augusto Malta (1864-1957), Mário de Andrade (1893-1945), Pierre Verger (1902-1996), Marcel Gautherot (1910-1996), Hildegard Rosenthal (1913-1990), Jean Manzon (1915-1990), José Medeiros (1921-1990), Luiz Carlos Barreto (1928-) e Maureen Bisilliat (1931-). Há preocupação de contemplar singularidades e técnicas dessas referências. Boa parte delas chegou ao cinema brasileiro, como sublinha o próprio Escorel, ao reproduzir cenas de longa-metragens em que atuou na direção de fotografia: Maureen deu a tônica estética para *Quilombo* (1983); e Ferrez, para *O Xangô de Baker Street* (2001). Já fotos tomadas por Manzon para a revista *O Cruzeiro* ao sobrevoar uma aldeia indígena no

³ Revista semanal brasileira publicada entre 1928 e 1985.

final dos anos 1940 – nos registros em preto e branco, flechas estão apontadas para o alto – iluminou passagens marcantes de *Brincando nos Campos do Senhor* (1991).

O documentário é, claro, um recorte pessoal, embora Escorel divida o roteiro com o jornalista e cineasta Evaldo Mocarzel. Juntos, eles vinculam imagens pinçadas de acervos robustos, como os do Instituto Moreira Salles (IMS), e assinadas por fotógrafos de renome a uma narração em primeira pessoa feita pelo diretor. Temos mais perguntas do que respostas quanto ao porvir do ato de fotografar e as possíveis perspectivas acerca das visualidades de Brasil em décadas futuras, e Escorel intercala sua fala com diálogos e depoimentos. Ele escuta, repensa e traça caminhos nas conversas com o fotógrafo e historiador Boris Kasoy, a fotógrafa Maureen Bisilliat, o fotógrafo e antropólogo Milton Guran e o produtor de cinema e fotógrafo Luiz Carlos Barreto, entre outros pesquisadores e conhecedores do tema. Atravessando tantas questões caras à fotografia brasileira, discutem as câmeras voltadas para o mundo e divagam acerca de plausíveis desfechos dos registros que os sujeitos produzem de si.



Making of com o diretor de fotografia Lúcio Kodato, o diretor Lauro Escorel e a entrevistada, a fotógrafa Maureen Bisilliat. Crédito: Divulgação.

Trechos do encontro de Escorel com Maureen são momentos ímpares no filme. Acompanhado de Lúcio Kodato, com quem a entrevistada trabalhou no documentário *Xingu/Terra*, nos anos 1980, o diretor se apresenta mencionando que, em comum, ele e ela são filhos de diplomatas. Reside aí, talvez, a coincidência da busca incessante dos desenraizados por cenas cambiantes do cotidiano, estejam nos sujeitos da cidade do

presente ou do passado, estejam nos personagens da floresta amazônica, onde luz e sombra têm papel essencial. Narradora de palavras e imagens, Maureen exalta a fotogenia da pele negra, comenta trabalhos de colegas, como Medeiros e Gautherot, e recorda a chegada do colorido da fotografia.

A ideia de que o Brasil é construção social alinhava o filme em sutilezas, e o público é incluído ao se repensar. Sei disso e de que não fui a única a me emocionar com *Fotografiação* por acompanhar os comentários escritos pelas plateias nas exibições *online*. Digo até que há pontos especiais para muitos, como a exposição de um Mário de Andrade fotógrafo-viajante que se pensava em autorretratos ao se iniciar na fotografia modernista. Escorel recupera *Sombra Minha*, foto em que o escritor registrou, em 1928, a projeção da própria silhueta no solo. Mais uma faceta do autor de *Macunaíma* e *Paulicéia Desvairada*, artista integrado à vanguarda da produção europeia do início do século XX e perseguidor de ângulos inusitados. Para quem viveu tempos analógicos e de hiperinflação anos mais tarde, o diretor afaga a memória: exhibe a cédula de 500.000 cruzeiros, de 1993, emitida em homenagem a Mário de Andrade e que contém sua esfinge ao lado do contorno imortalizado da sombra de si.



Menino-anjo fotografado nos anos 1960 por Maureen Bisilliat, em São José do Rio Pardo (SP), é uma das imagens celebradas no filme. Crédito: Divulgação.

Como já indiquei, o olhar de *Fotografiação* é assumidamente subjetivo. É sempre assim, tanto para quem produz ou captura uma imagem quanto para quem a recebe e a vê conforme seu repertório e seus interesses. Curioso e interessado no Outro, o diretor percebe a própria plasticidade nas filmagens. Nota, por exemplo, que a câmera apontada para si nesse prelúdio do século XXI pode ser a câmera apontada para o mundo. Maureen vibra com a espontaneidade das fotos dos jovens. Escorel aprende novos enquadramentos e formas de captação de luzes e cores.

O longa-metragem transborda. Como acadêmica interessada em produção de imagens, narrativas, memória e interações humanas, revi premissas acerca da criação e da linguagem imagética ao assistir a *Fotografiação* em casa e em tempos de coronavírus, quando novas formas de registrar a vida a partir da janela se revelavam. Fotografar é ação que não se encerra, inclusive quando estamos encerrados, assistindo a filmes *online*, na presença do diretor e em comunhão com uma audiência que faz a imagem viver e acontecer.

FICHA TÉCNICA DE *FOTOGRAFAÇÃO*

Direção: Lauro Escorel

Roteiro: Evaldo Mocarzel e Lauro Escorel

Pesquisa: Antonio Venancio

Direção de fotografia: Carlos Ebert, Guy Gonçalves, Jacques Cheuiche e Lúcio Kodato

Montagem: Idê Lacreata

Desenho de som: Ricardo Reis

Edição de som: Miriam Biderman

Música original: Zé Nogueira

Produção executiva: Zita Carvalhosa

Produtor: Cinematográfica Superfilmes

Produtora associada: Cinefilmes

Idioma: português

Ano: 2019

Duração: 76 minutos

Recebido: 01/06/2020

Aprovado: 04/09/2020